

ESTRUTURA TÓPICO-COMENTÁRIO, A TRADIÇÃO GRAMATICAL E O ENSINO DE REDAÇÃO

Antônio Sérgio Cavalcante da Cunha (UERJ/FFP)
sergio03@ism.com.br

1. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo expor o que é a estrutura tópicocomentário em português, assim como avaliar os problemas que os docentes do ensino fundamental e médio enfrentam com a presença desse tipo de construção nas redações escolares, principalmente devido à falta de informação, consequência da formação deficiente dos professores de língua portuguesa.

2. O que é a estrutura tópicocomentário

Assunto pouco estudado pelos gramáticos, pois aparece muito na oralidade informal, embora Eunice Pontes (1987) tenha mostrado que seu uso é muito comum na língua escrita, a estrutura tópicocomentário é uma construção com diversas facetas, mas cuja característica principal é a de ser uma construção marcada, em que se coloca em evidência um elemento, chamado de tópico, e faz-se sobre esse tópico um comentário.

Outra característica fundamental da estrutura tópicocomentário é a de que o elemento tópico é informação velha, já conhecida pelos interlocutores, enquanto o comentário é informação nova dada pelo enunciador da sentença ao receptor.

Pontes alerta que, em português, a estrutura tópicocomentário é extremamente comum e o costume de se considerar o português como uma língua em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como sendo de sujeito-predicado deve-se ao fato de a maioria dos textos tradicionais analisar a língua escrita formal, deixando de lado outros registros.

Em vista disso, Pontes argumenta que o português deveria ser considerado uma língua em que as duas construções – sujeito-predicado e tópicocomentário – existem, mas trata-se de constru-

ções distintas. Assim, na tipologia linguística estabelecida por Li e Thompson, ao invés de o português ficar nas línguas tipo “a” (línguas com predomínio de sujeito-predicado), Pontes pretende nos mostrar que o português seria mais bem classificado como língua do tipo “c” (línguas em que as duas construções existem, mas são distintas).

Para começar, Pontes estabelece as características do tópico nas línguas em que a construção tópico-comentário é a que melhor define a estrutura das sentenças, como o chinês, por exemplo. Segundo a autora, o tópico tem as seguintes características:

- a. o papel funcional do tópico é o de chamar atenção para um elemento. Nesse ponto, a autora diz que nem sempre o sujeito tem essa função;
- b. o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido. Isso ocorre porque o tópico é informação velha, ao passo que o sujeito pode não o ser;
- c. o sujeito tem relações seletivas com o verbo, assim este o determina; o tópico não precisa ter. Isso quer dizer que se o verbo é de ação pede um sujeito agente, mas não um tópico agente;
- d. o verbo normalmente concorda com o sujeito, mas não há entre verbo e tópico qualquer relação de concordância;
- e. o tópico é obrigatoriamente o elemento inicial da sentença, pois é o elemento para o qual se pretende chamar atenção;
- f. o sujeito, mas não o tópico, desempenha papel proeminente em processos internos à sentença, tais como reflexivização, passivização etc.

A partir dessas características de tópico e de sujeito, Eunice Pontes conclui que a primeiro é dependente do discurso, enquanto o segundo é dependente da sentença.

A autora faz, ainda, uma reflexão sobre as características das línguas de tópico, tais como o chinês, e mostra-nos que o português tem características semelhantes. São elas:

- a. nas línguas de tópico, a construção passiva é marginal. Pontes alega que, embora não tenha estatísticas sobre o português, suspeita que ela é pouco frequente na fala;
- b. as línguas de tópico não têm sujeitos vazios, como o inglês *it*. O português também não tem;
- c. nas línguas de tópico, predominam as construções de tópico que Li e Thompson chamaram de duplo sujeito e que veremos mais adiante; em português, segundo Pontes, esta é a construção de tópico mais comum;
- d. Nas línguas de tópico é este e não o sujeito que controla a correferência. Isso ocorre também com o português;
- e. Nas línguas de tópico, qualquer elemento da estrutura frasal pode ser tópico. Em português, isso também ocorre;
- f. As sentenças de tópico são sentenças básicas. Isso é particularmente notável nas chamadas sentenças de duplo sujeito, em que não se pode alegar que a construção de tópico tenha sido derivada de uma construção de sujeito-predicado por topicalização ou deslocamento para a esquerda.

3. Os tipos de estrutura tópico-comentário

Pontes nos mostra que sentenças tópico-comentário podem ser de vários tipos e destaca:

3.1. Sentenças de duplo sujeito

O nome duplo sujeito, dado inadequadamente, segundo Pontes, por Li e Thompson, rotula um tipo de sentença em que a relação entre tópico e comentário não pode ser estabelecida no nível sintático e sim no semântico-discursivo. Sentenças de duplo sujeito não podem ser explicadas como derivações de sentenças sujeito-predicado pelo deslocamento para a esquerda de um elemento da estrutura frasal, deixando em seu lugar ou não um pronome cópia. Um exemplo dado pela autora é:

As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro.

A sentença acima não pode ser explicada como sendo derivada de *Cê precisa ter um bom conhecimento bom das cadeiras optativas primeiro*, pois não foi dita com este sentido. O sentido atribuído pelo enunciador foi que a pessoa precisa ter um bom conhecimento das outras cadeiras para fazer as cadeiras optativas. Assim, para que o interlocutor atribua à sentença em questão o mesmo significado que o enunciador quis dar, é necessário que ambos estejam compartilhando de um mesmo contexto situacional. Do contrário, a sentença poderia ser entendida de forma indevida. Esta sentença, assim como outras exemplificadas pela autora, mostra que não é possível recriar a sentença apenas com base em operações de natureza sintática, pois a relação entre tópico (*as cadeiras optativas*) e comentário (*cê precisa ter um conhecimento bom primeiro*) está no nível semântico-discursivo e não sintático. Perini (2010) as chama de tópico discursivo.

Segundo Pontes, este tipo de sentença é o mais comum nas línguas de tópico. A autora nos diz que, também em português, tais construções são as mais frequentes construções de tópico.

A autora aponta que, nas gramáticas, tais sentenças são abordadas na seção relativa ao anacoluto, que é tratado como uma figura de Sintaxe (geralmente na parte dedicada à Estilística) em que um elemento da oração fica sem função sintática.

3.2. Construções de tópico com topicalização ou com deslocamento para a esquerda

Outras construções de tópico comuns no português são as de topicalização e as de deslocamento para a esquerda. Consistem no deslocamento para o início da oração de um elemento da estrutura oracional. Normalmente, esse elemento, se preposicionado na ordem direta, é despreposicionado quando passa a ocupar a posição de tópico. A diferença entre a topicalização e o deslocamento para a esquerda estaria no fato de que, no primeiro caso, o elemento deslocado não deixaria marca em seu lugar e, no segundo, o elemento deslocado deixaria um pronome-cópia em seu lugar. Ambos os casos podem, portanto, ser explicados por operações sintáticas, razão pela

qual tais sentenças poderiam ser vistas como derivadas de sentenças sujeito-predicado. No entanto, a autora lembra, que as sentenças de tópico são marcadas e, por meio delas, o enunciador da sentença pretende chamar atenção para um elemento da frase. Além disso, o tópico sempre é informação velha e o comentário informação nova, o que remete, mais uma vez, ao nível do discurso.

Podemos citar como exemplos:

Repelex, precisa, né? – construção de topicalização derivada de Precisa de Repelex, né?, em que o elemento de Repelex, ao ser deslocado para a posição de tópico, perdeu a preposição e não deixou em seu lugar qualquer marca.

A Rosa, eu encontrei ela ontem - construção de DE derivada de Eu encontrei a Rosa ontem, em que o elemento a Rosa foi deslocado para a posição inicial (tópico), deixando em seu lugar um pronome-cópia (ela).

3.3. Construções de falso SVO

Trata-se de um tipo de construção de tópico bastante interessante em que um SN inicia a sentença seguido do verbo da oração e este é seguido de outro SN. Assim, a sentença se assemelha estruturalmente a uma sentença sujeito-verbo-objeto direto. Contudo, o primeiro SN não é o sujeito, mas sim o tópico da oração e o SN que vem depois do verbo é que é o sujeito. O interessante dessa construção é que frequentemente o falante faz a concordância do verbo com o primeiro SN, que não é o sujeito, e não, com o segundo, o verdadeiro sujeito, pois toma o primeiro SN, que antecede o verbo como o sujeito da oração.

Assim, em *Essa casa bate muito sol*, o SN *essa casa*, que está na posição de tópico e de sujeito oracional, é tomado como sujeito, levando o verbo a concordar com ele. Mais interessante é a sentença *Esse carro cabe 60 l de gasolina*, em que o verdadeiro sujeito (o SN *60 l de gasolina*) deveria levar o verbo para o plural. Ao invés disso, a concordância verbal é feita com o SN tópico singular (*Esse carro*), que, por preceder o verbo, é tomado como sujeito. Na verdade, tais sentenças podem ser explicadas como derivadas de *Bate muito sol nessa casa* e *Nesse carro cabem 60 l de gasolina*.

Semelhantes ao falso SVO, são sentenças como *Essa janela não venta muito* ou *A ponte Rio-Niterói chove muito*, em que verbos impessoais como *ventar* e *chover* estão precedidos por SNs que não poderiam jamais ser sujeito, pois trata-se de verbos de orações sem sujeito, que, na ordem direta, seriam *Não venta muito por essa janela* e *Chove muito na ponte Rio-Niterói*.

O que Pontes alerta é que essas sentenças, apesar de poderem ser explicadas por operações de natureza sintática, não têm o mesmo significado das sentenças de base, pois o que o falante pretende com as sentenças de tópico é chamar atenção para o elemento que exerce a função do tópico. Em *Essa janela não venta muito*, o falante quer dar ênfase ao tamanho da janela, que, por ser pequena, não propicia muita ventilação. Em *A ponte Rio-Niterói chove muito*, o falante quis dar ênfase a uma característica da ponte Rio-Niterói, que, por estar localizada sobre o mar, é mais atingida por fortes chuvas.

Outra questão abordada pela autora é que as sentenças de falso SVO, ao contrário das de verdadeira estrutura SVO, não podem ser passadas para a voz passiva. Compare-se:

O ladrão roubou minha carteira/Minha carteira foi roubada pelo ladrão.

*Essa casa bate muito sol/*Muito sol é batido nessa casa.*

O mesmo ocorre nas sentenças citadas mais acima (*Essa casa bate muito sol* e *Esse carro cabe 60 l. de gasolina*), em que o falante quis chamar atenção para uma característica da casa (é bem clara) e do carro (tem tanque de combustível grande no qual cabem 60 l de gasolina). Daí os elementos *essa casa* e *esse carro* terem sido deslocados para o início da oração para a posição de tópico.

Assim, o que Pontes enfatiza, nesses casos, é que a intenção comunicativa do falante não é a mesma quando ele usa as sentenças na ordem direta, que soam mais neutras, e quando ele as usa na ordem não direta (estrutura tópico-comentário), em que há uma intenção comunicativa do falante em dar ênfase, em chamar atenção para um elemento da frase.

4. *As construções de tópico na língua escrita*

Pontes nos apresenta, em seu texto, um capítulo dedicado a construções de tópico em língua escrita. A maioria dos exemplos citados por ela vem da literatura, tais como:

O milagre viam-no nos olhos do cego. (Vieira)

A podenga negra, essa corria pelo aposento. (Herculano)

Eu que ao cair não pude nesse engano ... encheram-me com grandes abundanças o peito de desejos e esperanças. (Camões)

Vemos, inclusive, que o exemplo tirado de Camões é um típico anacoluto, em que o tópico (*Eu que ao cair não pude nesse engano*) não pode ser passado para a estrutura oracional, pois o pronome *eu* é correferente do objeto direto *me*.

A autora também nos dá alguns exemplos tirados de jornais e revistas, assim como da língua oral formal.

A função que ela exerce, raríssimas mulheres conseguem chegar até lá. (Estado de Minas, 2º caderno, p. 3, 13-5-81)

Os extratos da seiva do aloé-vera, Cleópatra já os utilizava para manter a vitalidade cutânea. (Desfile, p. 58, set/1980)

Eu acho que esses dois casos de Português, eles revelam... (intervenção no V Encontro de Linguística da PUC-RJ, 1980)

Eu diria que esse último, há uma gradação mais forte ... (Simpósio sobre Tópicos, UNICAMP, maio de 1981)

O que a autora quis mostrar com isso é que a estrutura tópico-comentário, cujo uso é frequentemente constatado na língua oral informal, aparece com bastante força na língua oral formal e na língua escrita, o que reforça seu argumento de que, no português, a estrutura tópico-comentário é marcante nos mais diversos registros da língua, o que nos obriga a rever a posição do português na tipologia linguística estabelecida por Li e Thompson.

5. *Estrutura tópico-comentário nos compêndios de gramática*

Já mostramos acima que a estrutura tópico-comentário é muito comum na língua escrita literária. Pontes nos dá farta exemplificação disso. A principal razão para que ela apareça com tanta frequência do texto literário está no fato de que a estrutura tópico-comentário é uma construção marcada, que carrega, portanto, a subjetividade do falante, o qual pretende chamar atenção de seu interlocutor para um determinado elemento do discurso. Ora, o texto literário nada tem de neutro; ele carrega também a subjetividade do seu autor ou do narrador. Nada mais natural do que as sentenças com tópico e comentário aparecerem com alta frequência em textos literários, notadamente a poesia.

As gramáticas tradicionais, que a maioria dos professores ou dos textos voltados para o ensino tomam como referência, pouco falam das construções de tópico. As construções de duplo sujeito, como já vimos, são incluídas no capítulo de Estilística, como figura de Sintaxe denominada de anacoluto. Bechara (2006) adverte que o anacoluto, “fora de certas situações especiais de grande efeito expressivo, é evitado no estilo formal.” (p. 480) O autor, no entanto, não menciona que situações especiais são essas e que efeitos expressivos o anacoluto cria. Em outro texto, o mesmo autor é mais rigoroso com o anacoluto: “O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.” (p. 595).

Mais cautelosos são Rocha Lima (2006) e Cunha & Cintra (2001). O primeiro, tomando como base estrofe de *O navio negreiro*, de Castro Alves, diz que “não seria, portanto, esperável que sua frase saísse racionalmente articulada e, sim, que refletisse o tumulto da paixão que lhe ia nalma.” (p. 490). Contudo, o autor nada fala sobre o uso corrente do anacoluto, limitando-se a enfocá-lo no texto literário. Cunha & Cintra, embora não aprofundem o assunto, adotam posição bem mais amena:

O anacoluto é um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado: “depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase.” (p. 631).

Cunha & Cintra têm o mérito de reconhecerem a frequência do anacoluto na fala e de não adotarem uma postura preconceituosa em relação a tal construção. Deixam de abordar, no entanto, a intenção comunicativa do falante ao usá-la.

Mais comum nas gramáticas tradicionais brasileiras é a presença do deslocamento para a esquerda com pronome cópia. O pleonasma do objeto direto é mencionado no capítulo de Sintaxe e tratado como um tipo de objeto: o objeto direto pleonástico. Já o pleonasma de outros termos da oração é raramente citado no capítulo de Sintaxe, exceção feita a Cunha & Cintra, que falam do pleonasma do objeto indireto. No entanto, ao focalizarem esse pleonasma, o objeto indireto deslocado para a esquerda mantém, nos exemplos dados pelos autores, a preposição. Nenhum autor, no entanto, fala de pleonasmos de outros termos com deslocamento para a esquerda de um termo da oração. Os pleonasmos do sujeito, exemplificados por Pontes em casos como *Eu acho que essa brincadeira ela vai revelar* ou *Essa competência ela é de natureza mental*, são completamente ignorados pela tradição gramatical.

6. A estrutura tópico-comentário e as redações

Não é de surpreender que, na maioria das vezes, o uso de sentenças com a estrutura tópico-comentário pelo aluno em suas redações escolares seja rejeitada pelos professores, que as marcam como incorretas. Pontes alerta que

muito frequentemente, tudo que é novo na escrita é considerado pelos professores como erro, e porque há tão poucos estudos de português oral, eles não sabem por que os alunos tendem a usar alguns tipos de Ss em vez de outras. (p. 85)

A autora chama atenção para o fato de professores corrigirem sentenças como

Essa casa bate muito sol, A belina cabe muita gente e Essa janela não venta muito, marcando-as como erradas e indicando que as frases corretas seriam Nessa casa, bate muito sol, Na belina cabe muita gente e Nessa janela, não venta muito.

Pontes condena essa correção, dizendo que as sentenças do primeiro grupo não têm exatamente os mesmos significados das sen-

tenças do segundo grupo. Enquanto as sentenças do segundo grupo são mais neutras, isto é, não marcadas, as do primeiro trazem uma atitude comunicativa do falante de dar ênfase ao elemento que foi posto na posição inicial, o tópico. O desconhecimento dessa realidade, causado em grande parte pela inexistência ou pequena quantidade de estudos do português oral, tem levado professores a corrigirem as sentenças do primeiro grupo, usadas naturalmente pelos alunos, sem dizerem, no entanto, o porquê da correção, o que deixa os alunos ainda mais confusos e amedrontados com relação ao uso da língua materna.

Com as sentenças de duplo sujeito (anacoluto), a rejeição no texto escrito seria ainda maior, já que o elemento tópico não se encaixaria na estrutura sintática da sentença. Como muitos gramáticos tendem a advertir do perigo do anacoluto (Bechara tem a posição mais radical), a tendência é que tais frases seriam consideradas mau uso do português em todos os textos. Mesmo Cunha & Cintra, apesar de reconhecerem a frequência de uso dessas construções, falam que tal frequência ocorre na fala, mas nada falam sobre a língua escrita.

Mais aceitas seriam as sentenças criadas por topicalização ou por deslocamento para a esquerda, principalmente quando tais processos ocorressem com o objeto, já que tal construção é abonada pelos principais gramáticos.

7. Conclusões

O fato é que estudos de frequência do uso dos diversos tipos de sentenças de tópico deveriam ser feitos nas diversas modalidades de textos escritos (textos literários, notícias em jornais e revistas, editoriais, etc.). Cada um desses tipos de texto tem suas características e um grau maior ou menor de impessoalidade. Tais estudos poderiam e deveriam revelar que um determinado tipo de sentença de tópico aparecem frequentemente no texto literário e nos textos de jornais e revistas, mas outro tipo de construção tende a aparecer mais em determinado tipo de texto e ser muito pouco frequente em outro.

Seria importante, também, que, ao estudarmos os diversos tipos de sentenças de tópico, ficássemos atentos para a necessidade de explicar as intenções comunicativas dos falantes ao usar tais senten-

ças para entendermos seu uso nas redações escolares. Igualmente, não se pode deixar de lado a delicada relação língua oral x língua escrita, frequentemente ignorada pelos textos gramaticais, que, ao privilegiar esta e deixar de lado aquela, tendem a considerar erradas ou ignorar completamente as construções da oralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ática, 2000.

_____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.